

Andersson de Brito Vicente  
Jefferson Rocha Moreira da Silva

## **TEATRO DA TERRA FIRME**

Projeto de Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado à disciplina Técnicas de  
Projetos do Curso de Cinema, da UFSC, sob  
orientação da Professora Aglair Bernardo,  
como requisito para obtenção da aprovação  
parcial na respectiva disciplina.

Florianópolis, 2014

Vicente, Andersson de Brito

Teatro da terra firme / Andersson de Brito Vicente ;  
orientadora, Aglair Bernardo - Florianópolis, SC, 2014.  
60 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) -  
Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de  
Comunicação e Expressão. Graduação em Cinema.

Inclui referências

1. Cinema. 2. Documentário Sobre o Teatro Adolpho  
Mello. 3. Cinema de São José. 4. Santa Catarina. 5.  
Brasil. I. Bernardo, Aglair. II. Universidade Federal de  
Santa Catarina. Graduação em Cinema. III. Título.

Silva , Jefferson Rocha Moreira da

Teatro da terra firme / Jefferson Rocha Moreira da  
Silva ; orientadora, Aglair Bernardo - Florianópolis, SC,  
2014.  
60 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) -  
Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de  
Comunicação e Expressão. Graduação em Cinema.

Inclui referências

1. Cinema. 2. Documentário Sobre o Teatro Adolpho  
Mello. 3. Cinema de São José. 4. Santa Catarina. 5.  
Brasil. I. Bernardo, Aglair. II. Universidade Federal de  
Santa Catarina. Graduação em Cinema. III. Título.

Andersson de Brito Vicente  
Jefferson Rocha Moreira da Silva

## TEATRO DA TERRA FIRME

Esta Tese foi julgada adequada para obtenção do Título de Bacharelado em Cinema, e aprovado em sua forma final pelo Programa ...

Local, 09 de Outubro de 2014.

---

Prof.<sup>a</sup> Aglair Bernardo, Dr.<sup>a</sup>  
Coordenadora do Curso

### **Banca Examinadora:**

---

Prof.<sup>a</sup> Aglair Bernardo, Dr.<sup>a</sup>  
Orientadora  
Universidade Federal de Santa Catarina

---

Prof. Josias Ricardo Hack,  
Universidade Federal de Santa Catarina

---

José Nunes Pires,  
Cineasta

Este trabalho é dedicado a todas as pessoas que fizeram e ainda fazem parte da história do teatro Adolpho Mello.

## **RESUMO**

O objetivo desse trabalho é investigar a história do teatro e mostrar a importância que ele teve no decorrer dos anos, demonstrando como foram suas transições de teatro a cinema, e se aprofundar ao máximo no que esse monumento histórico possa nos proporcionar, trazendo a tona toda a história esquecida pelo tempo, que possa ser entendida e refletida pela população.

**Palavras-chave:** Teatro Adolpho Mello. Cinema de São José. Santa Catarina.

## **ABSTRACT**

The objective of this study is to investigate the history of the theater and show the importance that it had over the years, showing how were its transitions from theater to cinema, and to deepen our knowledge in what this historical monument can provide, bringing out the whole story forgotten by time, that can be understood and reflected by the population.

**Keywords:** Theater Adolpho Mello. Cinema of São José. Santa Catarina.

## Sumário

APRESENTAÇÃO.....	14
ARQUITETURA DO PRÉDIO.....	16
SOBRE O DOCUMENTÁRIO por Andersson Brito.....	18
Sobre o Cinema e Documentário por Jefferson Moreira.....	23
SOBRE A MONTAGEM.....	35
SENSAÇÕES.....	39
REFERÊNCIAS.....	42
ANEXO.....	45

## 1. APRESENTAÇÃO

O personagem central desse documentário é a casa de teatro mais antiga que ainda existe em Santa Catarina, o Teatro Adolpho Mello, localizado no Centro Histórico de São José, com 158 anos de existência. A abertura da estrada que ligava Lages a São José impulsionou a economia local e contribuiu para mudanças significativas nas características da pequena freguesia de São José. O prédio, com espaço para 147 pessoas, começou a ser construído em 1854 e foi inaugurado em 1856 por um grupo de teatro local, que costumava ensaiar no salão paroquial da Igreja. Logo no seu início era uma novidade para a população que vinha de barco de outras cidades e principalmente da capital para prestigiar as apresentações. Em 1924, o edifício recebeu ajuda do município e sofreu um grande restauro, passando a ser utilizado como sala de cinema, sob o nome “Cine York”, administrado pelo Sr. José Filomeno, que durou até 1936 quando o Sr. Filomeno veio a falecer.

No início dos anos 40, uma sociedade formada pelos Srs. Bonson e Martinelli, da capital, começou a exhibir filmes no teatro chamado então de Cine-teatro de São José. A empresa teve pouca duração e manteve o cinema até 1944. Só em 1948 o teatro voltou a ser frequentado, surgia o Cine Rajá administrado por cidadãos josefenses. Com a decadência do cinema por falta de público, o Cine Rajá foi



fechado oficialmente em 1979.

O teatro chama atenção para o fato de ser um marco histórico para cidade, tendo em vista que no ano de sua fundação existiam poucos espaços culturais no país. Lá era o centro de lazer de São José. Antigamente tudo acontecia em torno da praça. As pessoas vinham para o teatro e aproveitavam para botar a conversa em dia e até mesmo paquerar aos redores da igreja. Por volta de 1980, o Teatro voltou à administração do Município de São José, o qual procedeu à recuperação do teatro “Adolpho Mello” – uma homenagem ao violinista, compositor e jornalista natural de São José que trabalhava na orquestra do Cine York.

Ele passou por duas guerras mundiais e a Revolução de 1923 foi o movimento armado ocorrido durante onze meses daquele ano no estado do Rio Grande do Sul. Nesse período navios gaúchos passavam pelo litoral de São José bombardeando toda a cidade, que até hoje ainda tem as marcas da revolução, que foi uma extensão da Revolução Farroupilha, foi quando todos os habitantes se refugiaram no interior de São José e o centro histórico ficou tomado por soldados que, inclusive, utilizaram o teatro com refúgio.

Usando esse monumento histórico buscamos realizar um documentário informativo sobre o que esse teatro tem a nos contar com tanto tempo de história.

Buscamos elementos que abram o espaço para reflexões políticas e históricas e para as reais necessidades que o edifício enfrentou até hoje. O fio narrativo para esse documentário é conduzido por historiadores josefenses, funcionários do teatro e pessoas da comunidade que fizeram parte da história do teatro. Com isso, veremos qual o papel do Teatro Adolfo Mello na comunidade local, e para Santa Catarina, os aspectos positivos e como contribui culturalmente para os cidadãos de São José, por entendermos que o teatro representa boa parte da vida cultural da cidade.

## **2. ARQUITETURA DO PRÉDIO**

Não se sabe muito a respeito de como era a primeira construção do teatro, das poucas fotos que existem ele já tinha passado por uma reforma, mas do pouco que se sabe a respeito da estrutura dessa segunda reforma é que ele parecia um casarão tipicamente português e com uma estrutura bastante minimalista, feito de alvenaria mista com pedra e tijolo.

Na fachada do prédio não havia nenhum destaque muito grande, o prédio parecia basicamente uma casa residencial comum, não havendo qualquer identificação sobre a função daquele espaço. Certamente, se

algum viajante de outra cidade estivesse em São José, só iria saber que aquele espaço era um teatro se perguntasse para alguém. Isto porque o teatro era uma casa de espetáculo da cidade e como todo mundo já sabia o que era, não precisava de nenhuma identificação.

Na primeira grande reforma que o teatro passou, a porta lateral foi retirada e a porta de entrada passou a ser onde é hoje, de frente para a praça, com um saguão de entrada mais amplo e confortável. Havia também um pequeno bar com bebidas e cigarros à venda, já que não era proibido nem beber e nem fumar dentro da sala de cinema.

O palco também recebeu uma adaptação para funcionar como sala de cinema, apesar de ainda acontecerem peças e apresentações musicais, muito embora a função principal do espaço passou a ser indiscutivelmente de sala cinema.

Já na segunda grande reforma que o teatro sofreu, ele ganhou as características que tem hoje, com a atual platibanda com influência da arquitetura francesa, e principalmente a colocação do brasão de armas de Santa Catarina na platibanda do prédio, o que o identificava como um prédio público, já que até então ele parecia apenas um casarão residencial como tantos outros que haviam na região.

Na parte interna do teatro existia um grande camarote suspenso em formato de “U”, e o local aonde ficava a plateia no centro do teatro não era suspenso. Ficava na mesma altura do chão com cadeiras normais espalhadas pelo local para as pessoas assistirem a peça, e a porta de entrada ficava na lateral do teatro.

### **3. SOBRE O DOCUMENTÁRIO por Andersson Brito**

A função que desempenhei durante a produção do documentário foi a de diretor, procurando criar uma obra com complexidade e profundidade, mas que ainda assim seja compreensível para um público mais amplo e diverso. O fato de conhecer previamente a história do teatro e sua importância na vida cultural e histórica da cidade permitiu que eu acessasse entrevistados e os orientasse na condução das entrevistas, explorando aspectos variados. Observo que a opção deu-se pelo fato que o teatro fez parte da minha história e que, mesmo convivendo tanto tempo por lá, só com a produção do filme que eu passei a conhecer histórias e acontecimentos que até então eu desconhecia. O interessante, sobre os documentários, é que quem os produz nunca está completamente ciente do que se passou ou com que se passa sobre seu tema ou personagem. Na pré-produção uma das maiores dificuldades foi a elaboração do roteiro, pois a cada saída para captar informações, muitos dos depoimentos não eram como eu

imaginava e não tinham a importância que eu imaginava, não se tratando de peças fundamentais para o filme. Contudo, com os depoimentos gravados consegui montar uma narrativa para o documentário, privilegiando informações focando especialmente sua história e o envolvimento mais intenso dos entrevistados com essa história. Reconheço que, ainda que um mapeamento prévio realizado sobre possíveis entrevistados e os conteúdos a serem explorados que orientassem a elaboração do roteiro não pode ser entendido como uma “camisa de força”, as entrevistas permitiram que aspectos que não estivessem explorados previamente pudessem aparecer durante as gravações.

*“A voz documentário é, com muita frequência, a voz da oratória. É a voz do cineasta que tenciona assumir uma posição a respeito de um aspecto do mundo histórico e convencer-nos de seus méritos”*  
(NICHOLS, Bil, *Introdução ao Documentário 2005*, pg79.)

Segundo *Bill Nichols*, a maneira como eu vou “manipulando” os depoimentos e os apresentando ao espectador é o modo que eu tenho de falar e impor minha opinião como diretor, tentando não só mostrar uma realidade que eu penso, mas deixando a quem assiste criar sua

própria opinião.

Na Retórica, Aristóteles divide as provas artísticas em três tipos. Cada um deles se empenha em convencer-nos da validade de um argumento ou de uma perspectiva. Todos os três têm importância no filme documentário:

- **Ético:** que dá a impressão de bom caráter moral ou credibilidade;
- **Emocional:** que apela para as emoções do público para produzir o humor desejado; que coloca o público na disposição de ânimo correta ou que estabelece um estado de espírito favorável a um determinado ponto de vista;
- **Demonstrativo:** que usa raciocínio ou demonstração real ou aparente; que comprova ou dá a impressão de comprovar a questão.

Os depoimentos dos entrevistados deram ao personagem do documentário os valores que a população e o tempo lhe pôs. Todos os

depoimentos foram captados nas redondezas do teatro, e alguns dentro dele, para deixar o entrevistado mais familiarizado com o universo ao qual estava se referindo, e também para que pudesse vir à tona alguma lembrança que enriquecesse seu depoimento. O modelo estético utilizado trouxe a luz do desenvolvimento histórico e o conflito dos depoimentos deu mais clareza para que o espectador possa produzir um sentimento de intimidade em relação ao teatro.

“Extraír do próprio ambiente os elementos fundamentais do drama.”(DA-RIM, Silvio, Espelho Partido, 2004 pg 51)

Essa frase se encaixa perfeitamente para meu filme, assim o documentário surge da sua própria natureza, porque decorre diretamente da convivência, como uma dramatização dos aspectos considerados essenciais nas situações do filme.

Todos o entrevistados moram ou moravam perto ao teatro, e todos conviveram cada um ao seu modo com ele, especialmente eu, quando me senti muito à vontade para fazer as gravações e para poder interagir com os entrevistados, podendo buscar exatamente o que eu queria e coisas que eu desconhecia completamente que se encaixaram como uma luva para o documentário.

Eu só queria entrevistar e ouvir pessoas que fortaleçam o meu ponto de vista, o que é algo bastante problemático. Mas dei liberdade

total ao entrevistado, nesse sentido, considero fundamental deixar o indivíduo expressar o seu ponto de vista. As perguntas não podem ser respondidas da maneira que você quer, que você gostaria que a pessoa respondesse. Se isso acontece as coisas ficam sem sentido. Isso não quer dizer, porém, que não fiz perguntas que levem o entrevistado a refletir sobre determinado aspectos. O modo que formulei as perguntas foi determinante.

O imprevisto, o acaso, a relação inegável, às vezes conflituosa, entre os entrevistados dispostos a falar, dos dois lados da câmera, esse é o documentário que procuro fazer. O que não exclui uma ideia central, prévia à filmagem, que orienta a construção do filme.

Me serviram muito de inspiração, meus anos de estagio com o cineasta Zeca Pires, no longo desses anos pude produzir com o Zeca cinco documentários e um que não finalizamos. Me baseei muito nesses trabalhos para meu filme.

Foi a primeira vez que assumi a direção, nos outros trabalhava como editor e cinegrafista, o que me ajudou. A experiência em trabalhar em conjunto também foi muito boa, tive a ajuda da minha orientadora Aglair e do próprio Zeca Pires.

A experiência de comandar uma equipe de filmagem, mesmo que muito pequena, foi excitante.



#### 4. Sobre o Cinema e Documentário por Jefferson Moreira

No grande cinema de ficção, geralmente se gasta mais dinheiro que em cinema de documentário, geralmente os cenários são maiores e com a utilização de equipamentos mais caros. Para se alcançar um determinado resultado estético, tem sempre algum ator conhecido e a publicidade em volta dos filmes de ficção geralmente são muito maiores se comparado aos filmes de documentário.

Historicamente os filmes de não ficção nunca tiveram mais destaque do que filmes de ficção.

Mas porque será que isso acontece? Será que isso acontece porque os filmes de ficção são realmente melhores e mais importantes que os filmes de não ficção?

A palavra documentário, usada para nomear um domínio específico do cinema, começou a se estabelecer no final dos anos 1920 e início dos anos 1930, sobretudo com a escola documental inglesa, embora já figurasse antes em um ou outro texto. Ela traz marcas da significação, surgida na segunda metade do século XIX no campo das

ciências humanas, para designar um conjunto de documentos com a consistência de “prova” a respeito de uma época. Possui, desse modo, uma forte conotação representacional, ou seja, o sentido de um documentário histórico que se quer veraz, comprobatório daquilo que “de fato” ocorreu num tempo e espaço dados. Aplicada ao cinema por razões pragmáticas de mobilização de verbas, ela desde então disputou com a palavra ficção essa prerrogativa de representação da realidade e, conseguinte, de revelação da verdade. (MASCARELLO, Fernando, 2006, pg 253.)

Na realidade o documentário nasceu junto com o cinema, e de certa forma nasceu primeiro que os filmes de ficção, quando os irmãos Lumière ainda estavam

fazendo seus primeiros testes com o cinematógrafo que eles tinham acabado de inventar. Acabavam gravando cenas do cotidiano do local, na sua própria época, sem nenhuma pretensão, mas através dessas imagens já é possível perceber a captura de imagens documentais, nascendo junto com o cinema. Diferentemente de apenas ser o

observador, o documentário permanece mesmo após a morte de seus criadores.

No senso comum a ideia que a maioria das pessoas tem é que documentário é um tipo de filme feito por pessoas reais, que descrevem o mundo de uma maneira supostamente verdadeira e objetiva, ou um filme que mostra somente a verdade, sem atores, sem maquiagem, sem cenário montado, o filme é filmado em lugares reais...

O documentarista não poder interferir na cena.

O bom documentarista tem que passar despercebido, ele não poder ser notado, caso contrário as pessoas vão mudar sua postura perante a câmera.

Geralmente a ideia de documentário fica em volta de fatos e verdades, como se isso fosse um condição necessária para um filme de não ficção.

Eduardo Coutinho fala um pouco sobre isso

Admitindo-se que possa existir uma verdade, o que o documentário pode pressupor, nos seus melhores casos - e isso já foi dito por muita gente -, é a verdade da filmagem. A verdade da

filmagem significa revelarem em que situação, em que momento ela se dá e todo o aleatório que pode acontecer nela. Há mil formas de mostrar isso, desde de a presença da câmera, do diretor, do técnico de som, até a coisa sonora da troca de palavras, incluindo incidentes que aparecem, como telefone, um cachorro que entra, uma pessoa que protesta por não querer mais ser filmada ou que discute com você diante da câmera. Então isso daí é importantíssimo porque revela a contingência da verdade que você tem, entende? É uma contingência que revela muito mais a verdade da filmagem que a filmagem da verdade, porque inclusive a gente não está fazendo ciência; o cinema, por não pretender isso, fica muito mais liberado para o campo do imaginário e do subjetivo. (Ohata, Milton, 2013, pg 23)

Quando converso com amigos que não são da área de cinema, e o assunto entra no tema documentário, sinto que a questão da verdade em um documentário parece ser algo extremamente importante pare

eles, mais ainda do que o próprio filme.

Como se não importasse se o documentário é bom ou ruim, desde que ele esteja falando a verdade.

Mas se eu resolvo lançar aquela velha questão da câmera de segurança: uma das imagens captada por uma câmera de segurança poderia ser considerada um documentário?

Bom, aí a resposta sempre muda: “porque isso é diferente”, “porque desse jeito foi uma maquina que fez tudo sozinha”, “não tinha nenhum ser humano organizando os assuntos”, “não tem nenhuma mensagem”, “ninguém está mostrando nenhum ponto de vista”, “não tem nenhum lado artístico”.

Isso já não tem nenhuma novidade. Eu penso que um filme de documentário ou de não ficção também é um filme como outro qualquer, o diretor apenas resolveu fazer essa opção estética para o filme, como ele poderia ter adotado qualquer outra.

Fazer um documentário, evidentemente, não se trata apenas de captar determinadas imagens, mas se trata principalmente de exibi-las, e para exibi-las é preciso organizá-las, e para organizar qualquer coisa ,

seja lá o que for, é preciso ter algum critério qualquer, e é exatamente aqui que o documentário termina se tornando um filme, assim como um filme de ficção.

Eu digo “termina de se tornar”, porque acredito que não é na ilha de edição que o documentário nasce. Assim como qualquer filme, a concepção de um documentário acontece ainda no roteiro, assim como sua gestação já havia acontecido na cabeça do diretor. Claro que, assim como um feto no útero de sua mãe, o documentário ainda não tem qualquer formato.

Logo após sua gestação nas filmagens, o diretor, junto com sua equipe de produção, começa a dar forma ao documentário que está para nascer. É na ilha de edição que ele recebe o seu acabamento final.

O nascimento de um documentário propriamente dito só acontece no dia de sua exibição. É esse o momento em que um documentário realmente nasce para o mundo, inclusive para o diretor, que muitas vezes pensou em algumas coisas, ou não pensou em nada, e o público mostra reações em relação àquilo que está sendo mostrado, que nem o próprio diretor havia pensado.

Análises de documentários costumavam ser empreendidas com os conceitos desenvolvidos

pela teoria de cinema, uma disciplina que sempre teve o longa-metragem de ficção como objetivo privilegiado. Só nas últimas décadas começaram a surgir estudos voltados mais especificamente para o documentário. (DA-RIM, Silvio. 2004, pg. 133)

A afirmação acima, feita por Silvio Da-Rim, nos mostra o enorme equívoco que o documentário sofreu durante muitos anos. Como eu afirmei anteriormente, o documentário nasceu junto com o cinema, e nasceu até mesmo antes dos filmes de ficção. Mesmo assim muito pouco se estudou a respeito dele, talvez por um pré-julgamento errôneo de que o documentário se trata de um estilo de filme pouco profundo e que por isso não merecia tanto estudo quanto a ficção, ou de que isso nem filme era, eram apenas as filmagens de imagens do dia a dia e pronto, como exemplo de “isso não merece nenhum estudo, afinal isso acontece todo dia”.

Na realidade eu estou aqui apenas especulando, não tenho ideia de porquê os estudos de documentário receberam tão pouca atenção, e mesmo hoje ainda é um estilo muito difícil de ser estudado por si só. Frequentemente é necessária a ajuda de outras ciências como filosofia e antropologia para poder compreendê-lo melhor. Até para rotulá-lo é um problema, já que a definição de documentário por si se encaixa em

praticamente qualquer obra áudio visual, seja drama, comédia, reportagem, novela, filmes de natureza, enfim, qualquer uma já que daqui uns 10 ou 20 anos será perfeitamente possível notar que se trata de uma produção mais antiga, assim como hoje mesmo sem se saber ao certo que ano foi feito determinado filme, qualquer um é perfeitamente capaz de reconhecer que se trata de uma produção mais antiga.

Boa parte dos estudos de documentário que existem atualmente se apoiam no trabalho desenvolvido por Bill Nichols para classificar documentários. Ele desenvolveu uma tese muito interessante que classifica os documentários em 5 gêneros: poético, expositivo, participativo, reflexivo e performático.

Da-Rim chama a atenção em seu texto "Espelho Partido" de 2004 para a importância de Bill Nichols,

Uma das mais importantes contribuições para o desenvolvimento de uma teoria do documentário vem sendo dada por Bill Nichols. Ele parte da premissa de que o documentário não é uma reprodução, mas sim uma representação de algum aspecto do mundo histórico, do mundo social que todos compartilhamos

(DA-RIM, Silvio, 2003. p. 133)



Acredito que, segundo a teoria desenvolvida por Bill Nichols, o nosso filme “Teatro da Terra Firme” se encaixa em 2 gêneros desses, que seriam:

Expositivo, pois segundo Bill Nichols “os documentários expositivos dependem muito de uma lógica informativa transmitida verbalmente” que é o que acontece o tempo inteiro nesse trabalho. Deixamos os entrevistados falarem, não interferimos na suas falas em momento algum.

Nichols também diz que no modo expositivo, a montagem serve menos para estabelecer um ritmo ou padrão formal, como no modo poético, do que para manter a continuidade.

O segundo gênero em que o nosso trabalho se encaixaria na teoria de Nichols é o modo observativo, pois o filme não tem comentário ou voice-over, sem músicas nem efeitos sonoros, sem reconstituições históricas.

Apesar de a teoria de Nichols não prever um filme exatamente como o que nós fizemos, acredito que é perfeitamente possível utilizá-la para analisar o nosso trabalho também.

O documentário, ao contrário da ficção, estabelece asserções ou proposições sobre o mundo histórico. São duas tradições narrativas distintas, embora muitas vezes se misturem. Diferenças entre documentário e ficção não são da mesma espécie que existem entre répteis e mamíferos, não se pode estabelecer uma morfologia do documentário com a mesma metodologia que cerca, por exemplo, definições das ciências naturais. Lidar com o horizonte da liberdade criativa de seres humanos, e uma época que estimula experiências extremas e desconfia de definições. Alguns traços estruturais da tradição narrativa tem repetição de conjuntos, mais ou menos homogêneos . O nome documentário designa um conjunto de obras que possuem algumas características singulares e estáveis que as diferenciam do conjunto de filmes ficcionais. Mas qual é a diferença entre documentário e ficção?”. (RAMOS, Fernão. 2003, p.22)

Fernão Ramos também chama atenção para essas enormes

dificuldades que existem em identificar e classificar o que é um documentário e o que é ficção, mas eu gostaria de complicar um pouco mais questionando: o que é um filme?

No texto acima eu utilizei o exemplo da câmera de segurança gravando o que seria a tal da realidade ou verdade.

Mas por que isso, afinal de contas, não seria um filme?

Porque um filme não é um filme se não houver o trabalho de câmera e de edição, escolhendo o que mostrar, quando mostrar e como mostrar. Se não houver esse trabalho, isso evidentemente não é nem um filme de ficção e nem um documentário, não é nada mais do que uma representação do que aconteceu na frente da câmera no momento em que o filme estava sendo feito.

“Para além do requisito de recusa da ficção, que acabou por dar ao cinema de realidade, ou documentário clássico, um discutível sentido de organicidade e unidade, desde muito cedo, duas preocupações nele se mesclaram e, ao mesmo

tempo, subdividiram-no em dois polos: um, que era propriamente o do documentário ou etnográfico e outro, o da investigação ou reportagem. Com métodos diferentes de abordagem da realidade, seus propósitos eram “ora fazer ver objetivamente meios, situações e personagens reais, ora mostrar subjetivamente as maneiras de ver dos próprios personagens, a maneira pela qual eles viam sua situação, seu meio, seus problemas.”(RAMOS, Fernão. 2003, p.22)

Toda essa organicidade que Fernão Ramos chama a atenção em seu texto é absolutamente necessária para que exista um filme. Sem essa organicidade, teremos apenas o que acabei de descrever acima, apenas a representação do que aconteceu diante da câmera.

Dito isso, concluo que o cinema é de fato uma arte passiva, sob alguns aspectos, onde o espectador senta e assiste ao filme, acompanha o raciocínio do roteirista e observa o trabalho feito pelo diretor em organizar tudo isso, pois cinema não se trata apenas de representação, mas sim apresentação, de como apresentar todas as representações possíveis. O resto fica por conta do espectador. Obviamente que esse “resto” envolve uma relação de caráter dialógico extremamente complexa, conforme atestam os estudos de recepção.

## 5. Sobre a Montagem

A montagem ou edição é umas das etapas mais importantes para qualquer filme, seja ele documentário ou não. É justamente nessa etapa em que se organiza aquilo que se vai de fato mostrar ou não no filme.

A montagem é tão importante que sem ela não existe cinema, é tudo material bruto. Não existe um filme, o que existe são imagens de uma filmagem e essas imagens precisam ser processadas dentro de algum cérebro, pois filmes não são feitos sem querer, por acaso. Eles são um resultado de muito inspiração e acima de tudo muita transpiração.

Depois que a ideia de montagem surgiu, (e com isso não estou me referindo à moviola nem nada do tipo, estou falando da montagem feita na própria câmera na hora de gravar, estou falando do pensamento de o quê gravar antes de gravar), aí pode se dizer que o cinema começou a surgir, e é quando os primeiros filmes foram de fato feitos.

A montagem constrói cenas a partir dos pedaços separados (...). A seqüência desses

pedaços não deve ser aleatória e sim correspondente à transferência natural do observador imaginário que, no final, é representado pelo observador (Xavier, Ismail, 1983, p.60)

Ismail Xavier chama a atenção para a importância de se fazer uma montagem pensada, pois encher uma fita com qualquer coisa, sem editar, não é fazer um filme. Um filme se trata de mostrar algo a alguém de maneira intencional e não acidental. Por essa razão a montagem não pode ser feita apenas com a intuição, que eu admito que ela aparece no trabalho em vários momentos, porém é importante ressaltar que isso deve acontecer em alguns momentos somente. A edição como um todo precisa de fato ser feita de uma maneira racional.

Entendendo-se a montagem como uma modalidade fundamental para a narrativa, ela estabelecerá uma interdependência de todas as expressões ao agir, através do corte, como transformadora das materialidades. Nessa perspectiva, o corte parece ser o fator que

trabalhará o material fotográfico, como também o ordenamento do material sonoro, moldando relações e associações que integrarão a narrativa segundo as concatenizações lógicas. (Leone, 2005, p.25)

No seu texto “Reflexões sobre a montagem cinematográfica”, Eduardo Leone sintetiza muito bem como a montagem contribui para o nascimento de um filme, pois é no momento da montagem que todos os trabalhos que todas as pessoas envolvidas no filme tiveram se unem para formar um só. Fotografia, iluminação, figurino, som, roteiro, a performance dos atores, a pontualidade da equipe, as cenas que deram certo, as cenas que deram errado, enfim. Está absolutamente tudo ali, mas não vai se tornar um filme por si só. Se não tiver um bom trabalho de montagem, tudo isso vai por água a baixo.

Para Teatro da Terra Firme, não houve nenhum grande desafio por parte da montagem, também não houve nenhum tipo de inovação ou montagem ousada. Fazer simples e bem feito era a proposta inicial.

Existem várias maneiras de se montar um documentário, poderíamos inclusive ter adotado mais de uma maneira para montá-lo, mas resolvemos seguir a linha de raciocínio proposta por Sergei Eisenstein.

Eisenstein é bastante conhecido no mundo da montagem por ser um dos pais da montagem paralela (montagem dialética ou montagem intelectual) junto com David Griffith, ele também criou e explorou outros tipos de montagem como a métrica, rítmica, tonal, atonal etc.

Mas o tipo de montagem que foi adotado para a montagem desse trabalho foi mesmo a montagem intelectual, que Paulo Viveiros descreve assim:

A montagem intelectual consiste num dos tipos de montagem usados desde os tempos do pré-cinema, a qual pretende, através da alternância entre planos de duas sequências, formar um novo significado implícito, interpretado pelo espectador. (VIVEIROS, Paulo, 2003, pg 159.)

A montagem intelectual é caracterizada pela inserção de ideias em uma sequência de grande carga emocional. Foi a tentativa que eu tive, de juntar depoimentos de tal maneira que um completasse o outro, como se fosse um discurso só, dito por várias pessoas, ou seja, o nosso discurso enquanto produtores e realizadores desse filme.



## 6. SENSACÕES

O meu papel no filme “Teatro da Terra Firme” foi basicamente como editor, ou seja, escolher junto com o diretor como essa história seria contada, mas acredito que é importante ficar claro o que é esse filme e quem sou eu nessa história.

O filme Teatro da Terra firme trata de memória, história e cultura de uma determinada região do mundo, em um determinado período.

Tanto eu, Jefferson Moreira, quanto o Andersson de Brito, que é o diretor desse filme, obviamente não vivemos a época em que os fatos do filme são narrados, o que não muda em nada o direito que nós temos de poder falar desse assunto.

Do mesmo jeito, acredito que é muito importante ressaltar a nossa origem como produtores desse trabalho audiovisual.

O diretor e idealizador desse filme, que é o Andersson de Brito, é um sujeito que nasceu e cresceu na cidade de São José. Conhece várias pessoas que fizeram parte da história desse teatro, o que faz com que isso se confunda com a sua própria história de vida.

Eu, por outro lado, não nasci em Santa Catarina, e nem tinha

conhecimento que esse teatro existia. Durante a produção do filme passei a maior parte do tempo como observador, nomes de pessoas e locais eram coisas completamente estranhas para mim.

Portanto, a minha experiência em fazer esse trabalho foi maravilhosa, foi como uma viagem no tempo, a um outro universo, aonde se vivia de uma outra maneira, de uma maneira muito mais coletiva e ao mesmo tempo mais isolada. Através das entrevistas, das fotos, das conversas informais, eu pude sentir um pouco de como era essa época em que o teatro funcionava, poder entrar em um espaço como aquele, em tudo que já deve ter acontecido dentro, pensar quantos casamentos não começaram ali com um simples gesto de um pegar na mão do outro, quantos também não terminaram, quantas crianças descobriram que lá fora existia um mundo inteiro, ou alguém simplesmente se distraiu assistindo um filme em uma tarde chuvosa.

Se alguns momentos eu me senti do lado de fora de toda essa história, eles foram totalmente compensados pelo carinho com que fui recebido por todos os entrevistados.

Poder sentir o amor saindo das palavras de cada uma das pessoas que falaram desse espaço e da época em que ele de fato funcionava, me fez sentir algo que eu espero um dia poder compreender.

Nesse sentido, acredito que essa união de esforços com pontos de vista tão distintos acabou por resultar em um trabalho muito bonito e interessante.

## 7. REFERÊNCIAS

DA-RIM, Silvio. **Espelho Partido**. Rio de Janeiro: Azougue, 2004

LEONE, E. **Reflexões sobre a montagem cinematográfica**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005. 272 p.

MASCARELLO, Fernando. **História do cinema mundial**. organizado por Fernando, 2º edição, papyrus editora, 2006

OHATA, Milton (Org.). **Eduardo Coutinho**. 1. ed. São Paulo:, Cosac Naify, 2013.

VIVEIROS, Paulo. **A Imagem do Cinema, História, Teoria e Estética**. Portugal: Edições Universitárias Lusófonas, 2003.

XAVIER, I. **A experiência do cinema: antologia**. Rio de Janeiro: Graal, 1983. 484 p.

Filme Centenário da Colonização Alemão

Autor José Julianelli

Acervo Marcondes Marchetti

Pires, José Henrique Nunes

Cinema e História: José Julianelli e Alfredo Baumgarten,  
pioneiros do cinema catarinense/ Zeca Pires – Blumenau

Filme Salim Miguel Na Intimidade

Autor Zeca Pires

Filme Aplausos

Autor Zeca Pires

Filme Memórias do Colégio

Autor Zeca Pires

Filme Zumblick na Eternidade

Autor Zeca Pires

Filme Jogo de Cena

Autor Eduardo Coutinho

Filme Boca de Lixo

Autor Eduardo Coutinho

## 8. Anexo

### TRANSCRIÇÃO DO FILME

Aglair 00:02

Renato tu maoras aqui a quanto tempo?

Renato:

Eu moro aqui a 4 anos.

Aglair

Já ouviisse falar no teatro adolpho Mello?

Renato

Não.

Aglair

Nenhum lugar, tua família amigos?

Renato

Não, nada, nada mesmo.

FADE OUT

CRÉDITOS

FADE IN

CELSO DE SOUZA: 01:09

Historiador

Das histórias dos teatros no Brasil, eu creio que a do Adolpho Mello é a mais emocionante e a mais... singular.

ADRIANO DE BRITO: 01:19

Ator

Eu acredito que o ano de 1854 foi um divisor de águas na cultura municipal de São José, com o surgimento do teatro Adolpho Mello.

CELSO DE SOUZA : 01:26

Historiador

O teatro Adolpho Mello nasceu privado, era um grupo de pessoas da elite josefense que utilizavam o teatro como distração e diversão desse grupo.

GILBERTO GERLACH: 01:41

Historiador

Em 54 eles lançaram a pedra fundamental, e isso a gente sabe porque: graças a imprensa, porque já existia imprensa e a imprensa registrou, e registrava com matérias enormes, sobre o lançamento da pedra fundamental do teatrinho de São José.

FADE OUT

VINHETA

FADE IN



CELSO DE SOUZA: 02:09

Historiador

Empreendimento privado, de pessoas que o utilizavam como distração para eles em montar um espetáculo, em fazer uma passagem de cena, de falas e também atendia toda a grande Florianópolis.

As pessoas saíam do centro até aqui para terem acesso a um espetáculo no Adolpho Mello.

ERICA VEIGA:02:33

Atriz

Já tivemos presenças ilustres no teatro Adolpho Mello: Wagner Tiso, Miele, Derci Gonçalves.

Também já veio visitar o teatro Adolpho Mello a Malu Mader, e muitos outros e também atendendo aos grupos aqui da grande Florianópolis.

GILBERTO GERLACH :02:55

Historiador

Os jornais registram várias incursões que eles faziam pelo mar descendo no trapiche de pessoas pra assistir o teatro aqui, porque no Desterro não tinha teatro ainda, então esse fato de ter aportado aqui vários navios de vários países, foi trazendo toda essa informação de manifestação teatral de várias partes do mundo.

CELSO DE SOUZA: 02:29

Historiador

O teatro Adolpho Melo só vai ser do município em 1923, a companhia vende o teatro para a prefeitura municipal.

GILBERTO GERLACH 03:35

Historiador

Pela descrição dos jornais, era uma glória né. Desembarcar num negócio aqui e vir ao teatro e desterro pelo mar, era tudo pelo mar né

1856 até a proclamação da republica, 1889. Então isso aí foi quase 40 anos de Que era uma coisa bastante singular ne, como eram as pessoas da elite daqui se apresentando,

se encontrava com as pessoas da elite florianopolitana que se dirigia até aqui.

Algumas peças foram feitas em idiomas como o francês, o inglês, e as pessoas preocupadas

em aprender um idioma estrangeiro, e principalmente, compartilhando isso em uma cena, em um palco de um teatro é bastante

fascinante né, é bastante único.

GILBERTO GERLACH 04:11

Historiador

Já não tinha mais aquela força que tinha no século XIX, porque entrou a descoberta do cinematografo, cinematografo no começo de... de 1900 pra cá a coisa foi em um crescendo tal, que chegou 1920 era só cinema que todo mundo queria saber,

ninguém mais queria saber de teatro, teatro era velharias...

Os criadores disso aqui já tinham todos morridos, estava fechado isso aqui. No final do século XIX houve uma revolução e aqui também serviu de quartel, então isso aqui estava abandonado, completamente abandonado. Caindo.

Foi quando a prefeitura assumiu e fez essa reforma, e o José Filomeno introduziu o Cine York.

OSNIR MACHADO 05:44

Ex-Operador de Cinema

Nós sempre conhecemos o teatro mais como cinema, desde 1912 até 79 quando ele foi fechado para reforma, ele foi usado mais como cinema.

Eventualmente tinha alguma peça ali, mas era muito longo o período entre uma e a apresentação de outra. Ele foi utilizado mais como cinema.

GILBERTO GERLACH 06:00

Historiador

Mandou vir de Nova York um projetor, e colocou o nome de York porque o projetor veio de Nova York. E essa Cine York funcionou durante 10 anos.

Como sendo na época o cinema mais sofisticado, assim como o teatro fora antes, o cinema voltou a ser, na ilha na época, não tínhamos uma bela sala de cinema. Então novamente, aquele pessoal todo da ilha vindo pra cá, agora já atravessando a ponte né recém ponte, vinham para cá assistiam ao filme e voltava pra lá.

(pausa)

Bom, esse período foi até a morte do José Filomeno, ele que tocava esse Cine York.

Que também pelo que eu leio nos jornais teve um movimento fantástico. Programação fantástica.

E eu tive aqui nesse espaço 3 tios que trabalhavam nele, no cinema, um trabalhava de operador. 3 irmãos do meu pai (que moram aqui)

Um era operador, e os outros dois acompanhavam a orquestra, porque os filmes naquela época eram mudo ,e a orquestra geralmente era um violino, uma citara e um piano. Basicamente isso.

E eu tinha dois tios, um tocava piano, outro tocava citara e tinha um que era da família Mello que tocava violino.

Ou será que era, era o Adolpho Mello, claro. Violino é.

Quando foi feita a reforma aqui em 80 há 33 anos atrás. O conselho estadual de cultura acho que procurou achar um nome para dar para o teatro e aí acharam esse nome que realmente, mereceu né.

CELSO DE SOUZA 08:24

Historiador

É uma sala de cinema que vai apresentar filmes de todos os países e de todas as épocas, a preços módicos.

Então as crianças, por exemplo, catavam a semana todo seus vinténs pra conseguir uma entrada no teatro, a gente vai ter a oportunidade de ver que havia

uma porta lateral, aonde o projetista deixava porta aberta para as pessoas que não tinham condições de entrar no teatro poderem espiar o filme enfim.

OSNIR MACHADO 08:59

Ex-Operador de Cinema

As portas laterais a gente deixava naquele tempo mais antigo, e o novo também depois que reabriu em 55, deixava-se aberta só com uma cortina mas para ninguém invadir, colocava uma grade de madeira certinho que encaixava, vedando a entrada da gurizada ali, mas normalmente o pessoal ficava lá vendo lá, abria a cortina assim um pouquinho pra ver filme.

CELSO DE SOUZA 09:31

Historiador

E fora as relações humanas que se constituíram ali, ao lado funcionava a cadeia, então muitas vezes as pessoas que saíam do teatro contavam para os presos que estavam na cadeia, o filme que tinha chegado,

enfim , alguma coisa que tinha acontecido de particular.

OSNIR MACHADO 09:47

Ex-Operador de Cinema

As matines com seriados ou com filmes brasileiros, comédias, chanchadas que passavam ali, lotavam o cinema.

Eu comecei a trabalhar no cinema ali, como lanterninha, tinha uma lotação muito grande os filmes né, Lotava,

chegava um atrasado a gente ia assim com uma lanterninha pelos cantos procurar uma lugar vago para aquele ali.

Quando a gente entra no cinema chega meio cego por causa da luz externa ainda né, até acostumar a gente levava

ia levando pelo braço e colocava lá.

Aí daí eu passei para a cabine como ajudante do projetorista, naquele tempo não se chamava projetorista, era operador de

cinema, operador cinematográfico, e eu entrei para a cabine para trabalhar como ajudante, o operador era o Jurandir Manoel da Silva.

Ele trabalhou a vida toda com cinema desde garoto, desde rapazinho, faleceu agora há poucos meses atrás, a gente deixou pra conversar depois certas

coisas então se perdeu uma memória viva do cinema aqui e em Florianópolis também.

GILBERTO GERLACH 11:10

Historiador

Eu conheci cinema aqui né.

Eu lembro quando eu tinha assim uns 7 anos mais ou menos 1950, quando passou aqui "Deus lhe pague", descia da forquilha e de todo esse interior aí, carretas, verdadeiras carruagens, cheias de gente, atracavam aqui na praça e faziam fila, que ia até o trapiche, acabava uma sessão entrava outra.

Isso eu me lembro assim, eu lá 5 ou 6 anos olhando aquela multidão de gente pra ver cinema né.

Depois quando passou "O Cangaceiro" também foi outra coisa de louco.

OSNIR MACHADO 12:05

Ex-Operador de Cinema

As lembranças que eu tenho do cinema, a gente conheceu o cinema mais nos tempos mais antigos, até fevereiro de 54

ele fechou porque estava muito deteriorado prédio, precisava reparos.

Então nós, o pessoal aqui da praça, lembramos do cinema no teatro dessa época como cinema velho

"Ha isso aí já passou lá no tempo do cinema velho" porque depois ele foi renovado, de fevereiro de 54 até julho de 55 ele fechou para reforma

aí ele sofreu umas alterações drásticas, ele não tinha essa galeria como ele tem hoje, ele tinha a galeria antiga, subia assim pelo lado do prédio

e ele formava assim como se fosse uma ferradura ao redor do palco, então tinha toda aquela galeria lá em cima, então quando foi feita a reforma

ele foi adaptado para novas circunstâncias.

Ele iria funcionar mesmo como cinema outra vez né, então ele foi adaptado, a galeria, a segunda plateia, galeria é como nós chamamos para ter mais espaço

e colocação de cabine definitiva tudo ali, então nós temos as lembranças do teatro como cinema a partir daí.

Ele começou em 2 de julho de 1955, reabriu depois de uma expectativa muito grande pois ele estava fechado, todo mundo aguardando e esperando.

Ele reabriu como o nome de Cine Rajá, que era o mesmo nome que ele tinha, a mesma denominação, desde 1948 por aí, desde quando a empresa lá de Florianópolis

do Jorge Daux explorava o cinema, eles exploraram em Florianópolis e exploraram aqui também, desde 1948, como o título de Cine Rajá.

GILBERTO GERLACH 14:10

Historiador

Funciona até 1978 ou 76 por aí funciona o cinema, que é o período que eu conheço né, que era o período que eu frequentava.

OSNIR MACHADO 14:20

Ex-Operador de Cinema

Então, eu trabalhei lá como ajudante da cabine, o ajudante o que que ele



fazia, acabava de projetar o filme, não sei se alguém já viu um projetor. Ele sai o rolo de cima vai descendo e enrola em baixo, quando acaba tem que colocar em uma peça chamada enroladeira e vai virando pra colocar o filme

no início de novo.

Então eu fiquei ali, e quando o Jurandir saiu em 1960 ou 1961, eu fiquei como operador, o projecionista né, até 1966 daí em 1966 eu tive assim uns problemas de saúde, tive que sair do cinema né, mas nunca deixei a atividade, a ligação, aquele elo direto com o cinema.

Era dificilmente só se fosse um filme muito grande de muita fama que passava mais de um dia, normalmente todo dia era um filme diferente.

E tinha uma constante, que quando se exibia filmes brasileiros, vinha muita gente, sábado anunciava um filme brasileiro com determinado artista, Oscarito

Masaropi...Aqueles daquelas comédias clássicas brasileiras, lotava.

Muitas vezes nós tínhamos que dar 2 sessões.

CARMEN FOSSARI 15:48

Diretora Teatral

Para mim a maior montagem foi Hamlet, uma montagem Russa, isso é inesquecível, eu tinha 13 anos de idade e até hoje eu lembro, aquele fantasma andando, aquele... sabe....

Era o realismo Russo também no cinema né, e aquilo era uma coisa fortíssima, são imagens que te ajudam a construir a tua forma de ser,

porque a arte, quando ela é muito forte, ela é visceral, ela é revolucionária e ela transforma, ela te chama pra vida, não tem como não ser assim.

Das primeiras, eu vou citar em 1986 quando eu ainda estudava na universidade, "mucho jovencita, todavía pero llena de teatro siempre en la venas"

Foi uma obra de Almir Caldeira de Andrade, Arca açoriana. Essa foi a primeira, nós fizemos uma temporada em São José por um mês, e todos os grupos de estudantes de toda a grande Florianópolis ia para São José assistir.

Ficamos um mês em cartaz em São José, o que foi um coisa inédita né. Isso em 1986.

ADRIANE BRITO 16:48

Ator

Se eu não tivesse atravessado aquela porta mágica do teatro Adolpho Mello, talvez hoje eu não teria essa experiência junto ao teatro que eu carrego comigo e vou carregar ao longo da minha vida.

ERICA VEIGA: 16:58

Atriz

Eu sempre tive muito envolvimento com teatro com música, a minha família é muito musical lá de Minas Gerais, e aí eu comecei a montar pequenos trabalhos dentro da escola de teatro. Nas

escolas do município né, cantava, tive um coral durante muito tempo com muitas crianças.

ADRIANE BRITO 17:17

Ator

E em 1996 como eu falei vem uma possibilidade maior ainda porque daí eu passo a fazer parte do elenco ou do grupo que produzia teatro aqui nessa grande casa de espetáculos.

ERICA VEIGA: 17:26

Atriz

Aí recebi um convite para fazer parte da equipe de professores do teatro Adolpho Mello, aí lógico que na mesma hora eu aceitei o convite e vim aqui para o teatro e começamos a montar a escola de teatro do teatro Adolpho Mello que hoje já tem 20 anos.

ADRIANE BRITO 17:45

Ator

Começamos uma oficina proposta pela fundação de cultura junto com um grupo muito bom e alguns dele continuaram na trilha do teatro.

ERICA VEIGA: 17:57

Atriz

E naquela época então o teatro funcionava de segunda à quinta como escola de teatro e sextas, sábados e domingos, como casa de espetáculo.

ADRIANE BRITO 18:11

Ator

E a Solange Adão abriu as portas em função desse contato com o teatro Adolpho Mello em função dessa oficina eu tive o prazer de 1998 ser convidado pela Carmen Fossari para junto do grupo pesquisa, a gente fez uma montagem de Cruz e Souza Vozes Veladas.

CARMEN FOSSARI 18:30

Diretora Teatral

Nós criamos ali junto o professores da rede municipal, um grupo de teatro, o grupo teatral São José da Terra Firme, montamos um espetáculo que foi "Açores", contando exatamente a formação e a miscigenação cultural em São José da terra Firme. Foi um espetáculo muito bonito contando toda essa história e ali também surgiu um grupo folclórico que até hoje eles

mantem o grupo Boi de Mamão São José da Terra Firme.

ADRIANE BRITO 18:58

Ator

E depois, quis a vida que eu viesse a ser professor das oficinas do teatro Adolpho Mello aí juntamente com Erica Veiga, Charles Cousane, Mariana Gera Leite, Cassilha Ramos e a Juliana Rabelo, nós montamos uma série de oficinas desde a dança passando pela música e pela arte cênica junto ao teatro Adolpho Mello, então eu encaro esse monumento cultural, monumento arquitetônico do município de São José como a nossa maior representatividade cultural, é a 3º casa de espetáculo do estado, é uma referência a quem venha de outros estados e de outros países somente para conhecer o teatro Adolpho Mello, e eu tive o prazer de crescer ao lado dele.

CELSO DE SOUZA 19:44

Historiador

Mas aqui é bom ressaltar que pelo cuidado de alguns funcionários da casa o teatro nunca está parado, porque há aulas bastante tradicionais, há oficinas de teatro aqui que atendem mais ou menos 200 à 250 pessoas, então é uma tradição que ainda se preserva apesar de que a sede dele, o palco principal desse movimento todo, dessas aulas, enfim, não está disponível, que é o próprio teatro, mas o trabalho com

o teatro ainda continua.

CARMEN FOSSARI 20:00

Diretora Teatral

Queria salientar o trabalho bonito que fazem em São José as abnegadas equipes que eram professores de educação artística e que acabaram optando em viver a vida dentro de um teatro.

AMAURI DE OLIVEIRA 20:30

Técnico em Enfermagem

Em 1988 eu comecei a trabalhar no instituto São José que é um hospital psiquiátrico que existe à uma quadra daqui, e

nós tínhamos um terapeuta ocupacional que se chamava Lorival Jaime, ele fazia um trabalho muito bom ali que constituía da seguinte situação:

Na terapia ocupacional todo os pacientes psiquiátricos das unidades elaboravam uma peça e ensaiavam ela o mês inteiro. Participavam 2 ou 3

funcionários, mas a maioria deles, 95% eram pacientes, e no final do mês era marcado uma reserva no teatro, onde os pacientes vinham para

apresentar a peça acompanhados dos funcionários que também participavam, e também eram convidadas as famílias para assistir essa peça,

e eu era uma das pessoas, como chefia de duas unidades, além de participar da peça eu também construía o cenário, e eu trabalhei ali de 1988 a 1995

então foram 7 anos em que todos os meses os pacientes do hospital

psiquiátrico vinham apresentar uma peça na qual as famílias eram platéia. Ela era muito benéfica, tanto para nós como funcionários quanto para os pacientes.

OSNIR MACHADO 22:19

Ex-Operador de Cinema

E a segunda platéia eu falei que era assim em forma de "U", ela tinha uma determinada época lá por 1953 era tudo ferrinhos pra compôr assim um gradil,

e a gurizada ali do cinema o que que eles faziam, eles pegavam um ferrinho daqueles e ficam girando fazendo aquele guincho, "xchinnnn".

Daí eu ia lá correndo e dava bronca em toda a gurizada lá, eles paravam, daqui a pouco o outro começava lá do outro lado, até que em um determinado dia

eles tiraram todas aquelas grades e fizeram a proteção lá de baixo com madeira, madeira compensada tudo fechado assim, a gurizada dizia que foi uma pena

olhavam pra cima as mocinhas que estavam sentadas lá em cima, mas pouquíssimas iam para lá, lá em cima tinha só a rapaziada. As moças não iam pra lá nunca.

CELSO DE SOUZA 23:15

Historiador

Em volta da platéia havia camarotes, e esses camarotes com certeza foram criados para uma elite né, mas aos poucos foram perdendo isso, então as últimas

sessões que a gente tem relato de cinema naquele espaço, as crianças ocupavam aquilo lá e faziam brincadeiras bastante indevidas, como cuspir na platéia lá em

baixo ou então jogar alguma coisa, aqui tinha uma coisa e eu acho que não tem problema nenhum falar o nome, mas é conhecido como Peido de Alemão, que era um cordão

embebido em enxofre que depois que acendia aquilo era como se fosse um ovo podre, então a gente tem relatos de filmes que foram terminados ou mal começaram por causa

do tal do Peido de Alemão.

OSNIR MACHADO 24:06

Ex-Operador de Cinema

Que era uma coisa bastante singular ne, como eram as pessoas da elite daqui se apresentando,

se encontrava com as pessoas da elite florianopolitana que se dirigia até aqui.

Algumas peças foram feitas em idiomas como o francês, o inglês, e as pessoas preocupadas

em aprender um idioma estrangeiro, e principalmente, compartilhando isso em uma cena, em um palco de um teatro é bastante



fascinante né, é bastante único.

CARMEN FOSSARI 24:22

Diretora Teatral

Eu acho que São José por outro lado recebeu um grande teatro chamado "Multiuso" que é usado para "N" atividades e muito pouco para teatro. Lamentavelmente, mas não dá a atenção devida, no meu ponto de vista, para uma obra arquitetônica de tamanha envergadura como o Teatro Adolpho Mello.

OSNIR MACHADO 24:37

Ex-Operador de Cinema

E agora se perde a memória da cidade, a memória afetiva das pessoas que participaram, que tiveram vontade de trabalhar, não era um emprego grande, mas só a vontade que a gente tinha de participar ali...

CARMEN FOSSARI 24:58

Diretora Teatral

Hoje se nós pensarmos num centro de uma cidade, já é difícil porque as megalópoles né, tem tantas referências, o que é o centro de uma cidade? Mas quando nós vamos para cidades menores, a gente geralmente tem um

grande templo pra religiosidade, e raramente encontramos teatro.

ADRIANE BRITO 25:20

Ator

Ele está interditado, esperamos que com uma brevidade enorme, com uma urgência enorme, o teatro possa estar novamente abrindo suas portas para que São José volte a conviver com o teatro aqui na região.

CARMEN FOSSARI 25:36

Diretora Teatral

Então por isso os nossos teatros estão sempre morrendo as mínguas na questão da infraestrutura, de um bom acesso de projetos culturais para as escolas

ir e assistir bons espetáculos de qualidade, por preços acessíveis ou, enfim, projetos financiados. Eu acho que o grande entrave do teatro Adolpho Mello são sempre as administrações por pura ignorância, e eu refuto também ao Teatro Álvaro de Carvalho o mesmo problema a mesma questão porque você não tem

um administrador que vai encarar de fato um teatro como um patrimônio, um bem imaterial de uma comunidade.

CELSO DE SOUZA 26:21

Historiador

Revitalização e restauro, a gente está preocupado inicialmente com essa questão do restauro e a revitalização, é justamente o uso dele, ele torna a ser um teatro que congregue as pessoas que agregue a vida no município como sempre foi durante a existência dele.

ERICA VEIGA: 26:40

Atriz

E na verdade esse é o fim do teatro, levar a arte a todos aqueles que gostam e que procuram e que se sentem felizes em ter a oportunidade de vivenciar isso.

CARMEN FOSSARI 26:52

Diretora Teatral

Mas esse teatro é um dos teatros mais lindos de Santa Catarina no meu ponto de vista, ele é mágico foi incorporado depois ainda na metade do século XX

as pinturas do nosso grande Rodrigo de Haro, e ele é um património da comunidade de São José.

OSNIR MACHADO 27:09

Ex-Operador de Cinema

Mas é uma coisa velha, conservar da quela maneira, não se usa mais isso,

mas o uso dele mesmo sendo primitivo e correto ele seria usado corretamente para o que se precisa.

Mesmo sendo um prédio assim de características bem mais antigas, ifelizmente a mentalidade do home é assim.

FIM